

DANIELLE FERREIRA DE OLIVEIRA

A QUEDA DE DILMA ROUSSEFF

JORNAL NACIONAL
E O GOLPE DE 2016



Este livro desenha um panorama intrincado de narrativas, ideologias e práticas que desempenharam um papel central na constituição do atual imaginário político brasileiro. O foco do presente estudo nas projeções comunicáveis dos textos circulados pelo Jornal Nacional propiciou um modo de escrutínio singular. Não só trouxe visibilidade para a micropolítica em operação no cenário político brasileiro, como localizou a manufatura ideológica e a circulação insidiosa de um certo discurso público.

A cartografia de Oliveira detectou os regimes de voz e verdade reivindicados pelo jornalismo da Globo. Estes, em nome de “ideais democráticos”, conferiram normalidade, certeza e nexos semiótico a ideias díspares na economia, na política, nos costumes. Indicavam que o flerte com pautas neoliberais, fascistas e moralistas já se insinuava. Este livro fornece uma janela histórica para aspectos gestacionais do processo distópico que culminou na escolha de um candidato conservador, autoritário e extremista para governar o país por quatro anos.

É importante destacar que a obra não sucumbe a um viés determinista. Pelo contrário, a perspectiva adotada mostra que suas peças-signo são moduláveis. O fluxo, entretanto, não impede a identificação de processos de estabilização em curso. Ele indicia vestígios que apontam para possibilidades explicativas. Foram eles que levaram Oliveira a fazer um contraponto narrativo às histórias midiáticas favoráveis ao impedimento de Dilma. Ela esperançou outra lógica e uma nova resolução narrativa para o enredo catastrófico que se anunciava em 2016.

BRANCA FALABELLA FABRÍCIO

DANIELLE FERREIRA DE OLIVEIRA

A QUEDA
**DE DILMA
ROUSSEFF**

JORNAL NACIONAL
E O GOLPE DE 2016



mórula
EDITORIAL

Copyright © Danielle Ferreira de Oliveira.
Todos os direitos desta edição reservados
à MV Serviços e Editora Ltda.

REVISÃO

Natalia von Korsch

FOTO (CAPA)

Arte sobre foto de Edilson Rodrigues,
Agência Senado

PROJETO GRÁFICO

Patrícia Oliveira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Elaborado por Meri Gleice Rodrigues de Souza – CRB 7/6439

O46q

Oliveira, Danielle Ferreira de

A queda de Dilma Rousseff: Jornal Nacional e o golpe
de 2016 / Danielle Ferreira de Oliveira. – 1. ed. – Rio de Janeiro:
Mórula, 2023.

236 p. ; 21 cm

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81315-45-0



1. Rousseff, Dilma, 1947 – Impedimentos. 2. Presidentes
– Impedimentos – Brasil. 3. Jornal Nacional (Programa de
televisão). 4. Jornalismo – Linguagem. 5. Análise do discurso –
Aspectos políticos. 6. Jornalismo – Aspectos políticos – Brasil. I.
Título.

23-81905

CDD: 070.449324

CDU: 070:32(81)



Rua Teotônio Regadas 26 sala 904
20021_360 _ Lapa _ Rio de Janeiro _ RJ
www.morula.com.br _ contato@morula.com.br
 /morulaeditorial  /morula_editorial

Brasil, meu nego, deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra (...)
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

[ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA, 2019]

SUMÁRIO

- 7 **PREFÁCIO**
Daniel do Nascimento e Silva
- 13 **APRESENTAÇÃO | Sobre cartografias comunicáveis da “pragmática da transparência” na comunicação política brasileira contemporânea**
Dr. Danillo da Conceição Pereira Silva
- 19 **Introdução**
24 Pedaladas discursivas: “Foi golpe sim, com o Supremo, com tudo”
30 Situando a pesquisa
35 Procedimentos e instrumentos de análise
- 41 **A noção de comunicabilidade**
- 47 **O grande acordo nacional**
50 Contradições democráticas
55 A Mdiatização do Judiciário
57 A mídia corporativa nacional
- 61 **O grupo Globo e a tradição golpista: um olhar histórico**
- 67 **Impeachment ou golpe? Cartografias comunicáveis e ideologias em conflito**
69 “A eleição mais acirrada da história da democracia brasileira”
88 O escândalo da Petrobras
102 O pedido de impeachment

117	Impeachment vs. Golpe
134	A espetacularização do Judiciário
140	Gravações em foco
165	A Pragmática da Transparência
184	“Pela memória do coronel Carlos Alberto Brillhante Ustra”
205	Considerações finais
213	POSFÁCIO Histórias nossas histórias... Branca Falabella Fabrício
219	REFERÊNCIAS
231	ANEXO NOTÍCIAS ANALISADAS
233	AGRADECIMENTOS

PREFÁCIO

DANIEL DO NASCIMENTO E SILVA

Segundo a conhecida teoria sobre o “fetichismo da mercadoria”, de Karl Marx, uma das estranhas forças do capitalismo é sua capacidade de apagar as relações sociais que fazem parte da produção de uma mercadoria. Na teoria de Marx, esse estranho “feitiço” acontece na transformação do valor de uso de um produto – o real trabalho empregado na transformação de uma tábua em uma mesa, por exemplo – em um “valor de troca”, isto é, na conversão do trabalho e suas relações sociais em uma *mercadoria*, a ser trocada por um valor que não corresponde ao trabalho original. O “fetiche” da mercadoria, para Marx, deriva do fato de as pessoas imaginarem que o valor emana da mercadoria mesma – ao mesmo tempo, como que num passe de “mágica” (um feitiço!), apagam-se todas relações sociais que fizeram parte da produção, por exemplo, da tábua em mesa.

Trago o breve resumo da teoria de Marx (que está longe de ser esgotada no que eu disse acima) para pensar sobre a produção do livro que você tem em mãos. Danielle Ferreira de Oliveira realiza um importante e bem-sucedido esforço em tornar este livro, *A queda de Dilma Rousseff: Jornal Nacional e o golpe de 2016*, em uma reflexão que enfatiza as diversas relações sociais, interlocuções e trajetórias que orientaram sua escrita. Ela também escolhe uma teoria – a comunicabilidade, conceito desenvolvido pelo linguista e antropólogo Charles Briggs – que, por assim dizer, demanda que ela explicita as trajetórias que tornaram algo (por exemplo, um conjunto de falha em um arranjo entre poderes da república) em um texto (uma série de reportagens favoráveis à deposição da líder do executivo).

Por essa atenção às trajetórias na produção dos textos (as “mercadorias” com que lidamos em esferas como o jornalismo e a academia), bem como à reflexividade das relações sociais embutidas nessa produção, Danielle

Oliveira nos apresenta uma interessante reflexão sobre o processo que levou à destituição da primeira mulher a presidir o país, Dilma Rousseff. Enquanto escrevo este prefácio, mais de meia década depois da deposição de Dilma, é relativamente evidente (pelo menos para pessoas que se alinham ao campo progressista) que o processo aberto contra Dilma foi um golpe – jurídico, parlamentar e midiático –, que abriria caminho para a adoção de uma agenda de livre mercado e diminuição de direitos sociais. O golpe instaurado contra Dilma foi um dos grandes responsáveis pelo colapso democrático e institucional que temos experimentado, sobretudo porque quem assumiu o poder da agenda neoliberal foi Jair Bolsonaro, o homem que disse o indizível ao elogiar o torturador de Dilma na ditadura por ocasião de seu voto favorável ao impeachment em 2016.

A autora nos explica neste livro – que resulta de uma longa trajetória de estudos sobre golpes na América Latina e do movimento da autora entre diversas instituições e redes de interlocução no Rio de Janeiro e além – que, embora simples, a designação “golpe” implica uma história particular. Ela demonstra, com riqueza de detalhes, o alinhamento favorável do *Jornal Nacional* à construção que Sérgio Moro e os procuradores da Operação Lava Jato faziam do Partido dos Trabalhadores como o grande mal a ser combatido no país. Para tanto, ela mobiliza elementos teóricos de diversas áreas para analisar imagem e texto de um conjunto de reportagens nesse período de grande instabilidade política. Além dessa atenção ao detalhe – por exemplo, o plano escolhido para filmar Bonner, o gesto que ele fazia com a mão, o olhar que acompanhava um determinado enunciado –, Danielle Oliveira também discute a “comunicabilidade” construída pelo *Jornal Nacional*. Um dos grandes fatores legitimando a percepção do “golpe” como “impeachment”, a comunicabilidade foi o processo de construção da notícia como algo “natural”, como uma representação transparente do mundo.

Charles Briggs faz um trocadilho com a noção de “comunicável” para pensar o processo de eficácia e disseminação dos textos. Ele “brinca”, como diz a autora, com a noção metafísica de “comunicação” como transmissão de informação (algo que se daria de modo transparente, desde que feito em condições adequadas e pelos agentes corretos), associando-a à noção médica de “comunicável” (que se refere a doenças que se “comunicam”, isto é, que são transmissíveis de uma pessoa a outra). Ou seja, Briggs acopla uma visão

ou ideologia de linguagem (comunicação como algo transparente) com uma descrição médica sobre infecciosidade. Dadas as condições nervosas entre meados do primeiro mandato de Dilma e a votação do impeachment nas casas parlamentares (por exemplo, megaprotestos de junho de 2013, Operação Lava Jato, conflitos na articulação do PT com Eduardo Cunha), as notícias sobre a iminente deposição de Dilma rapidamente “viralizavam”. Mas viralizar, como sugerem Briggs e Danielle, significava também construir um campo de adesão e interpretação, um conjunto de trajetórias e uma série de formas de ser tocado ou afetado pela notícia.

No intervalo que nos separa das cenas nervosas do impeachment, muita coisa se passou. Vivemos períodos difíceis, com uma pandemia que levou muitas pessoas, inclusive de nossas redes familiares, e sobretudo com um governo populista de extrema direita, que tensionou a própria comunicabilidade do jornalismo hegemônico. Nesse intervalo também tivemos acesso à construção jornalística alternativa que investigou vazamentos de conversas no aplicativo Telegram de membros da operação Lava Jato — vazamentos batizados de “Vaza Jato” e coordenados por um jornalista, Glenn Greenwald, com ampla experiência em lidar com furos dessa proporção. Um dos dados apresentados pela Vaza Jato se refere justamente à comunicabilidade projetada por Sérgio Moro e outros agentes da operação: eles construíram um circuito fechado com jornalistas, no qual a notícia já chegava “pronta”, com um script de leitura acoplado. Como Greenwald e outros jornalistas discutiram, em tempos de baixo investimento no jornalismo profissional e investigativo, o conteúdo e o script oferecidos pelos membros da Lava Jato significavam lucro quase imediato para as mercadorias já talhadas pelo juiz e procuradores de Curitiba — uma parte com amplo interesse na criminalização da política. O trabalho dos jornalistas era apenas “divulgar”, normalmente sem realizar a devida investigação e verificação dos dados.

O script de leitura a que me referi acima se refere justamente às projeções comunicáveis de adesão e afeto que fazem parte das ricas análises no livro que você tem em mãos. Acredito que o trabalho de Danielle Oliveira se soma ao que aprendemos com a Vaza Jato. Este livro oferece evidência empírica para a construção da comunicabilidade da deposição de Dilma Rousseff como um “fato” incontestável, técnico, transparente — uma “mercadoria” que o Jornal Nacional e outras tantas empresas venderam,

enfeitando muitas pessoas pelo caminho. Como tenho dito desde o início, ler este livro é um convite a entender diversas trajetórias, tramas, interesses e relações sociais que simplesmente se apagaram na suposta representação transparente do impeachment de Dilma.



1ª edição	janeiro 2023
impressão	meta
papel miolo	pólen soft 80g/m ²
papel capa	cartão supremo 300g/m ²
tipografia	laurentian e marsden

DANIELLE FERREIRA DE OLIVEIRA é licenciada em Letras, especializada em Letramentos e Práticas Educacionais, mestra e doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem atuado na educação básica e na formação de professores, com ênfase na educação linguística crítica. Estuda a construção discursiva de golpes políticos nas mídias da América Latina desde 2012, quando investigou a circulação de mídias impressas no contexto da queda de Fernando Lugo da presidência do Paraguai. Em 2014, passou a investigar a comunicabilidade envolvida no processo de destituição do governo Dilma e, desde então, dedica-se à interface de sistemas semióticos, mídias e processos políticos contemporâneos.

Este trabalho se soma ao que aprendemos com a Vaza Jato, oferecendo evidência empírica para a construção da comunicabilidade da deposição de Dilma Rousseff como um “fato” incontestável, técnico, transparente — uma “mercadoria” que o Jornal Nacional e outras tantas empresas venderam, enfeitando muitas pessoas pelo caminho. Ler este livro é um convite a entender diversas trajetórias, tramas, interesses e relações sociais que simplesmente se apagaram na suposta representação transparente do impeachment de Dilma.

DANIEL DO NASCIMENTO E SILVA

